

ILHAS FAROE EM IMAGENS

CATEGORIES: Photos | Fotos, Travel Stories

Get Directions: Tórshavn, Faroe Islands

□□□□ Sempre gostei de grandes cidades e me agoniava com lugares muito pequenos tipo Ponta Grossa, Cascavel e interior da França. Até mesmo um fim de semana na fazenda ou na praia eram o suficiente para eu voltar feliz da vida para a metrópole (dando um upgrade de categoria para Curitiba, hein?). Morei alguns anos no interior da Suíça e escapava às pressas nas sextas-feiras para qualquer lugar que tivesse ao menos um sinaleiro.

Mas, de um tempo para cá, passei a gostar de me enfiar mato adentro, de admirar paisagens, de estar mais próximo da natureza. Seria a idade? Não sei. Só sei que nos últimos meses tenho me visto em êxtase no meio do lago da fazenda ou perdido em um entroncamento de estradas da Namíbia. Amei Portland, nos Estados Unidos e [Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina](#) (apesar de ainda ser apaixonado por lugares do naípe de [Los Angeles](#) e [Tóquio](#)).

Foi nessa onda do “small is beautiful” que caiu nas minhas mãos um feed do Instagram com imagens incríveis Ilhas Faroe. Entre as sugestões de fotos de homens barbados, homens de cueca, cafés ou bistrôs mundo afora apareceu uma imagem de um lago ao lado de um penhasco com o mar entrando por baixo disso tudo formando uma caverna. Veja aqui:

Hey guys! It's @reneeroaming here. I am taking over the @visitfaroeislands account for the next week. I absolutely loved my time exploring the islands & can't wait to share some of my favorite memories with you all. This photo was captured during our time at Sørvágsvatn Lake – it was truly breathtaking! #faroeislands #visitfaroeislands

A post shared by Visit Faroe Islands (@visitfaroeislands) on May 16, 2017 at 7:37am PDT

Passei a seguir o [@VisitFaroeIslands](#) e a cada dia ficava mais encantando com as imagens de lá, que pareciam vir de um outro planeta. Daí chega pelo correio um exemplar da [Boat Magazine](#) totalmente dedicado às Ilhas Faroe e cheio de artigos incríveis e percebi que tinha chegado naquele “point of no return” em que só voltaria a ser feliz se fosse ver com os próprios olhos tudo o que mostra o vídeo abaixo.

Bem, lá fui eu. [Aluguei um quarto na casa do Tórfinnur pelo Airbnb](#) em um vilarejo na periferia da capital Tórshavn, reservei um carro para poder me locomover com total liberdade e fiz um mini-álbum com todos os screenshots dos lugares que queria visitar.

Quando me vi finalmente na estrada local procurando um supermercado para comprar o básico para 4 dias de caminhadas e descobertas tive vontade de gritar de emoção (na verdade eu gritei de emoção, mas fiquei com vergonha de contar). Pronto, eu estava inserido dentro do feed do Instagram.

Informações básicas: o voo de Copenhague para Faroe dura mais ou menos 90 minutos. São 18 ilhas, quase todas interligadas por pontes e túneis. As que ficam mais longe têm ferries ou helicópteros para chegar. São 50.000 habitantes, sendo que 20.000 moram na capital. São 70.000 carneiros. Eles tem bandeira própria, equipe nacional de futebol, falam feroês (uma mistura de dinamarquês com islandês), não fazem parte da União Europeia e são quase totalmente independentes da Dinamarca. Tudo funciona, afinal escandinávia é escandinávia e todos falam inglês também. No verão nunca anoitece e no inverno nunca amanhece (vá no verão kkk).

Separei algumas fotos para contar um pouco da viagem. Fora isso tem um post chamado [Um domingo qualquer nas Ilhas Faroe](#) que havia escrito enquanto estava “preso” por lá por causa do mau tempo. E se você está seriamente pensando em ir para lá, me escreva que marcamos um café.

-
Moi posando para moi: uma selfie em Borðoy. Como estava sozinho ficava difícil de fazer fotos. Eu colocava a câmera apoiada na guarda da estrada ou no capô do carro, mas o vento não deixava a coisa parada. Essa ficou legal. É uma paisagem típica do mato rasteiro verde fluorescente das ilhas com o mar azul turquesa ao fundo em um dia de muito sol. Pena que não dá para colocar som nessa foto pois tinha dezenas de passarinhos cantando. Neste dia eu saí de Tórshavn e fui até a ponta norte da ilha de Viðoy.

- Essa é a minha mesa no [Raest Restaurant](#) no centro histórico de Tórshavn antes da garçonete tirar o segundo prato e eu ficar sozinho no lugar. O local serve vários tipos de carne fermentada, o raest. É a maneira como os faroeses estocam comida para o inverno. Eles matam o carneiro ou pescam o bacalhau e penduram numa cabana para deixar que a maresia dê seu toque de sal. Seria a versão local da carne de sol (só que sem sol). Nesse dia a seleção de futebol estava jogando contra a equipe da Suíça para se classificar para a Copa do Mundo da Rússia 2018 então acho que os 20.000 habitantes foram todos para o estádio. Sobrou eu, a garçonete e o chef. Detalhe: veja o carrinho de bebê ali fora da janela. As mães deixam as crianças no frio porque dizem que faz bem (e ninguém rouba a criança). A propósito, eles perderam o jogo por 2x0 e culparam o calor de 14º, que desidratou os jogadores (enquanto isso eu andava de gorro e pulôver).

- Continuando na onda comidas, esse é um dos 17 pratos do menu degustação do [Restaurant Koks](#). Esse restaurante tem uma estrela Michelin e usa apenas ingredientes locais. Não lembro o que era esse prato pois escolhi fazer combinação de vinhos com a comida e fiquei bêbado. Mas trouxe o cardápio que escaneei e postei na foto seguinte. Foi uma experiência inesquecível. Imagine que quando eu cheguei no lugar (fui de táxi para poder beber) o pessoal me deu as boas-vindas em português porque sabiam que eu era brasileiro. O garçon da minha mesa era um fofo e quase pedi ele em casamento. Sentei em uma mesa na frente de um janelão com vista para o vilarejo de Kirkjubøur e as outras ilhas no horizonte. Foi no mesmo dia que cheguei, então estava emocionado (lembra que gritei no carro?) e quase chorei (quando viajo sozinho fico emotivo).

- Parada de tirar o fôlego para tirar a foto. O engraçado é que essas vilas estão espalhadas por todo o arquipélago. Daí a gente passa na frente e não vê ninguém!

- As casas típicas das Ilhas Faroese têm grama no telhado para proteger do frio. Neste dia fui visitar uma igreja medieval construída pelos Vikings em Kirkjubøur (Kirk é igreja em faroês). Mas foram padres irlandeses que levaram o cristianismo para lá, junto com os carneiros. Não tinha ninguém morando nas ilhas antes disso.

- Este é o porto de Tórshavn, a capital. Por mais que tenha restaurantes, hotéis, lojas e cafés, ainda é uma cidade bastante bucólica. Mas tem CrossFit, bar gay, ferry para a Islândia, clube de remo, sushi bar, livraria e boliche.

- Uma das placas de rua no centro de Tórshavn com esse D meio torto e cortado da língua deles, que tem também na Islândia. Sempre que eu passava por ali me vinha na cabeça “levada da breca” (daí me sentia um jacú por pensar nisso).

- O programa nas Ilhas Faroese é pegar o carro, dirigir até um lugar de tirar o fôlego, largar o carro na estrada com um bilhetezinho dizendo para onde você foi (no caso de você não voltar e alguém poder mandar socorro) e sair caminhando pelas trilhas. Eu levava uma mochila com frutas, sanduíche e água e quando cansava ficava sentado na “relva” lendo um livro e curtindo a natureza. Um dia entrei na área de um ninho de uma gaivota marrom, grande e amedrontadora. Ela ficou me olhando e eu nem me toquei. De repente só senti um barulho e uma rasante na minha cara. Era ela! Me joguei no chão e levei mais 3 investidas do bicho até eu, me arrastando na “relva”, sair de perto dos ovos dela. Por isso que é perigoso ir para lá.

- Eles têm uma pira com casinhas coloridas por lá. Acho que por quase sempre nublado e escuro.

- Esse é o vilarejo de Gasadalur na ilha de Vágur (perto do aeroporto) e tem uma das vistas mais cinematográficas do planeta Terra. Para chegar até ali a gente passar por um túnel que corta a montanha. Do lado esquerdo tem um despenhadeiro do tipo caiu morreu. E o vento faz a curva naquele paredão ali atrás das casinhas.

- Tô falando que a pira é ter casa colorida? Esses eram meus vizinhos. Cada casa nessa rua tinha uma cor diferente. Mas todas as casas tinham crianças já que do outro lado elas têm um micro-jardim com pula-pula.

- Essa é a entrada no Raest. É bacalhau seco com manteiga. Pedi uma cerveja local para ver se o bacalhau ficava mais mole dentro da boca antes de engolir. Tem duas cervejarias nas ilhas, a [Föroya Bjór](#) e a [Okkara](#).

- Eu mando cartões-postais para mim de vários lugares pois adoro chegar em casa e ter cartas me esperando e também para lembrar de que um dia passei por lugares magníficos. ☐☐ Vejam que o selo é dos correios locais e não da Dinamarca. Eles também têm o próprio código de discagem do país, o +298 e não o +45 da Dinamarca.

- E para encerrar, não seria eu sem guias, revistas e mapas. Tenho um fetiche com papel que faz com que volte sempre carregando peso nas malas. Mas o [Secrets of the Faroe Islands](#) foi lindo para ler enquanto estava por lá pois dá pequenos snipets da vida local. E um mapa de papel vale por mil mapas do Google.

UM DOMINGO QUALQUER NAS ILHAS FAROE

CATEGORIES: Travel Stories

Get Directions: Tórshavn, Faroe Islands

□□□□ Estou no quarto 313 do Hotel Hafnia no centro de Tórshavn, a diminuta capital das Ilhas Faroe depois de um longo dia tentando embarcar de volta para a Dinamarca. O avião que vinha de Copenhagen para cá sobrevoou o arquipélago durante 45 minutos esperando uma brecha no denso nevoeiro para então voltar para a base lá no continente. Pelo alto-falante do aeroporto foi avisado que deveria retirar a esteira. Má notícia. Achei que, de repente, a SAS pudesse mandar o avião vir tentar pousar outra vez dentro de poucas horas. Nope. Nada. Niente. Resolvi aceitar tudo com paz no coração e relembro a sábia frase de Lady Lia, minha mãe, que diz que coisas assim “só acontecem com quem viaja”. Verdade.

Mas bem, por sorte quase todos os passageiros do voo eram suíços que vieram para torcer para a seleção no jogo contra a equipe das Ilhas Faroe, que, tadinhos, sempre perdem. Então fizemos um semicírculo muito organizado e pacífico para escutar as notícias da funcionária da empresa aérea. Várias boas e más notícias juntas, em sequência, dadas em faroês (sim, haviam faroenses no voo também e eles têm uma língua própria) e em inglês, que eram prontamente traduzidas para os quatro idiomas oficiais da Suíça. Havia um voo para Copenhagen da empresa local às 14h (eram 11h) mas estava lotado. Havia um outro voo da empresa local para Copenhagen às 20h30, mas tínhamos que esperar para ver quem a SAS escolheria para ter a reserva remarcada nesse voo. O resto teria que ir embora somente amanhã. Enquanto isso todos poderiam ir almoçar no restaurante do Hotel Vággar, estrategicamente posicionado na cabeceira da pista. Só que do terminal até lá há um caminho de terra batida, que por aqui, com toda a chuva e vento, vira barro rapidinho. Por isso tive que carregar minha Samsonite azul com adesivos do Snoopy no ombro, à la CrossFit (com 22 quilos, foi quase um WOD).

O hotel era bem simples e dois funcionários tratavam de arrumar o bufê rapidinho vendo aquela maré de gente vindo do aeroporto para eles, que pensavam que teriam um domingo de calma. Em pouco tempo o restaurante virou RU e eu dividi uma mesa com três personagens suíços interessantes: uma aeromoça, um capitão e um copiloto. Eles iram voar para Zurique com o jatinho que estava estacionado no aeroporto. Usei todo o meu charme linguístico com frases em schwizerdütsch e toda a minha intimidade com o que diz respeito à Suíça e ao futebol (joguei 6 minutos de futebol na vida há três dias) para ver se eles me convidavam para ir embora com eles de jatinho. De Zurique dava um jeito de pegar um voo para Estocolmo, meu destino final. Não deu em nada porque suíços não são cariocas e porque eles estavam levando os VIPs que vieram ver a partida que terminou em 2 a 0 para a Suíça, graças a Deus (senão todos os outros 190 suíços do meu voo estariam de schlechte Laune).

Abandonado pelos VIPs e almoçado (sopa de gnocchi com mini-almondegas de carneiro), peguei o Snoopy, coloquei no ombro e voltei para o terminal, só que agora garoava e cheguei com cara de susto no guichê da Atlantic Airways. Foi-se embora meu élan e auto-confiança para seduzir o funcionário a me remarcar no voo das 20h40. Mas nem precisou pois ele falou que o voo agora estava lotado e a SAS já havia me colocado no voo de amanhã. Ok. Agora era só ver para qual hotel eu teria que ir e pegar um táxi (detalhe, o aeroporto fica a 45 minutos de Tórshavn).

Descobri as Ilhas Faroe no Instagram. Bem, na verdade eu sabia que esse país existia. De certo modo, elas fazem parte da Dinamarca, mas se dizem independentes, tanto que têm um time de futebol que compete a Eurocopa, um código de telefone próprio (+258 enquanto a Dinamarca é +45). Mas foi através de algum feed na rede social que fiquei apaixonado pelas paisagens mágicas dessas ilhas perdidas na latitude 62 norte, entre a Escócia e a Islândia.

Então comecei a maquinar como faria para vir até aqui e me deu preguiça. São poucos os voos, tem que alugar carro, tem poucos hotéis e o clima é imprevisível. Bem, deixa pra lá. Até que dei de cara com uma revista de viagens dedicada todinha às Faroe e não teve escapatória. Era vir ou vir. Então desisti de fazer meu curso de um mês de alemão em Berlim e programei uma viagem pinga-pinga pela Europa, aproveitando para ver amigos que não visito faz tempo.

Já no voo de Copenhagen para cá, que dura 1h50, estávamos já bem avançados quando vi que o avião começou a dar uma volta (eu presto atenção nessas coisas) e logo o piloto já entrou no ar e foi se desculpando pelo desvio. Aconteceu que, ao decolarmos, uma gaivota foi engolida pela turbina. Ele avisou a torre de comando e viu que não havia causado danos à aeronave (eu não senti nada pois ela deve ter sido destruída em um milésimo de segundo, a pobre gaivota), mas para o avião poder decolar outra vez era preciso um aval de um técnico mecânico de aviação que o aeroporto daqui não tem. Isso só foi avisado quase chegando por aqui. Então 1h20 de voo, meia volta, 1h20 de voo de volta a Copenhagen e eu já morrendo de fome (a SAS só vende comida e o carrinho já tinha passado) ficamos na pista esperando para ver se trocaríamos de avião, se o voo seria cancelado ou whatever. Nisso puxei papo com meu vizinho de assento (na verdade ele puxou papo comigo, sou muito tímido) e papo vai, papo vem, ele falou que essas coisas de não conseguir chegar nas Ilhas Faroe é bem comum já que o clima aqui é imprevisível e há casos de o aeroporto ficar fechado por vários dias. Ha, ha, ha fiz eu. Ainda bem que é verão.

Já imaginou ficar ilhado?

Bem, o voo saiu, cheguei aqui com 5 horas de atraso e agora estou ilhado.

Dividi o táxi do aeroporto com um sueco e dois russos entraram de lambuja no nos bancos de trás da van. Os russos não estavam no nosso voo, mas haviam acabado de chegar no voo da Atlantic Airways que miraculosamente conseguiu pousar para o espanto geral de todos nós que ficamos sem voo. Quando chegamos na cidade o sueco pegou a mochila dele no portamalas e se foi, sem dar tchau nem pagar. Por sorte o motorista viu minha cara de espanto e só fez eu assinar um papel com meu nome dizendo que iria cobrar diretamente da SAS. Acho que quem estava pagando a corrida na verdade era a empresa naval dos russos e quem estava de carona era eu (e o sueco) e não eles. Tem horas que o Putin é gente boa.

Adivinhem minha cara quando chego na recepção e meu nome não está na lista de passageiros da SAS. Eu, que esperei calmamente no guichê, que não gritei, não rodei a baiana (na verdade ninguém deu piti à brasileira durante toda a crise no terminal), que vi o funcionário escrever meu nome, que tive que soletrar o V-I-C-E-N-T-E. Desaparecido! A recepcionista, sabendo de todo o rolo, logo me deu uma chave e mandou um email para o aeroporto falando que tinham esquecido de mim quando passaram a lista a limpo. Assim que entrei no quarto sentei na escrivaninha já que o sinal da wi-fi tinha pegado no celular e eu precisava atualizar meu Instagram e chegar quem tinha curtido minha última postagem. Eis que 15 minutos depois (como passa rápido o tempo nas redes sociais, né?) toca o telefone do quarto. Levei um susto. Ninguém sabe que estou aqui. Nem meu celular toca direito, vai lá um telefone de verdade. Atendi. Era a recepcionista avisando que meu nome tinha sumido da lista porque haviam me colocado no voo das 20h40. Quase chorei. Já não queria mais ir embora hoje. Estava cansado. Queria aproveitar o sol (sim, saiu sol aqui na capital enquanto os aviões desviavam do aeroporto nublado) para correr e queimar todo o pão que comi nesses dias, toda a sopa de gnocchi do almoço, a cerveja que bebi para ver se rolava um "relaxa e goza"... Mas fazer o quê? Melhor chegar em Estocolmo hoje do que amanhã à tarde. Me resignei. Avisei que não tinha nem feito xixi nem sentado na cama. O quarto estava virgem. Deixei minha mala num quatinho lá em baixo e fui passear para matar o tempo, afinal, ainda eram 17h.

Quando voltei para o hotel para pegar minha mala e chamar um táxi a recepcionista, que, a essa hora já tinha se tornado minha melhor amiga, falou: Vincent, call for you! Call para mim? Moi? Quem??? Era outra pessoa do aeroporto que pediu duas mil desculpas pela mêlée, avisou que eu iria ser santificado tão pronto chegasse na Suécia e que no final das contas era para eu ficar aqui hoje que meu voo foi alterado para amanhã. Mesmo horário. Mesmo local. E pelo jeito, mesma previsão do tempo.

Fui correr, dancei sozinho numa pista de corrida vendo a paisagem incrível das Ilhas Faroe. Relembrei dos 3 dias incríveis que passei aqui. Agradei muito por poder ter vindo para cá e fui comer sushi já que o jantar incluído no pacote dos passageiros sem voo da SAS tinha sido servido às 17h30. Subi por quarto, acendi o computador para escrever essa história e resolvi fazer uma extravagância. Abri a garrafinha de vinho tinto do minibar! Eu mereço! E com 187,5ml de Cabernet Sauvignon francês na cabeça e um sol que não se põe nunca, me despeço de você.

Boa noite.
